

# O IMPROVISO MORA NO PEDAÇO MAIS POBRE

São três horas da tarde quando passa a Kombi de frutas no conjunto 22 da quadra 30 do Paranoá. O vendedor grita: "De manhã, eram 15 bananas por R\$ 1, agora são 25 para ver se o dinheiro aparece". Duas voltas depois, nada de comprador, nem sinal do dinheiro, e a Kombi deixa o lugar cheia de cachos de banana.

A porta de madeira anuncia o preço de entrada: R\$ 2. Mulheres não pagam no forró, que muitos moradores garantem tratar-se de um bordel. Mesmo com o preço baixo, o estabelecimento só funciona aos sábados. Não há público nos outros dias.

No portão da casa de Laurinete Vitorino da Silva, 39 anos, uma cartolina estampa a mensagem: "Vende-se Natura, roupa de tricô, Avon e dindim". Enquanto joga dominó com a filha, ela justifica: "Se esperar só pelo marido, não dá jeito, não".

Esses são apenas três exemplos da realidade de moradores e comerciantes da quadra 30 do Paranoá, o lugar apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como o de menor renda por chefe de família do DF. Desde 1991, data do último censo, outras quadras do Paranoá ultrapassaram a quadra 30 no quesito pobreza. Mesmo assim, a situação lá continua difícil.

São oito conjuntos residenciais (do A ao H) e um comercial (conjunto 22). Biscateiros, pequenos comerciantes e moradores se misturam nuns e no outro. Donas-de-casa cortam cabelo e fazem barba por R\$ 5 dentro de casa, e desempregados vivem nos lotes comerciais à espera de mais um despejo, antes de partir para outro aluguel.

## NUM CANTO E NOUTRO

É assim com a família de Lourenço Pereira Rodrigues, 50 anos, e Erotildes Vieira dos Santos, 42 anos. Analfabetos e desempregados, os dois são donos de um bom humor contagiante. Apesar das feições marcadas, o sorriso sempre estampado no rosto não deixa transparecer a vida de sacrifício que levam.

Acácio Pinheiro

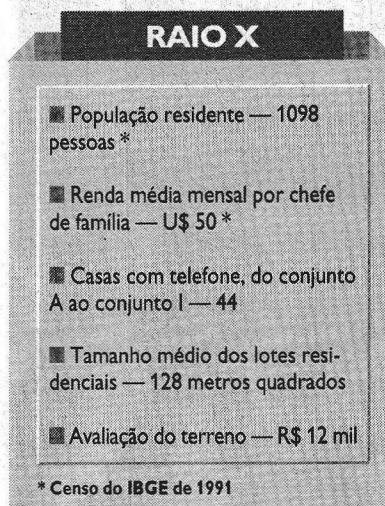


*A família de Erotildes e Lourenço mora na quadra mais pobre: analfabetos, desempregados e bem-humorados*

Há um mês, conseguiram alugar um quarto de 16 metros quadrados no conjunto 22, onde se apertam cinco pessoas, por R\$ 90. Deixaram para trás uma dívida de R\$ 80, de aluguel atrasado em outra quadra do Paranoá. "Se não dá certo num canto, a gente muda para outro. Esse aqui também já está atrasado. A gente não tem como pagar", explica Erotildes.

O casal tem pouco mais do que a roupa do corpo. A calcinha que veste a filha de um ano é emprestada de uma vizinha. O fogão e a cama velha são os únicos bens. Geladeira, televisão e telefone são sonhos distantes para a família de um jardineiro, que vive dos *bicos* que aparecem de vez em quando.

Lourenço é jardineiro, mas faz qualquer serviço que aparece. Quando consegue um dia de trabalho, ganha uns R\$ 30. Muito mais do que os R\$ 5 pagos por dia na roça de Januária, em Minas Gerais, de onde veio o casal. À espera uma ocupação, passa os dias de conversa fiada na porta de



casa com a família e os vizinhos.

Eles olham o movimento da rua e observam as crianças brincarem no fliperama ou improvisarem obstáculos para bolinhas de gude. A rua que separa o comércio dos lotes residenciais é de um movimento impressionante de pessoas. Poucos carros circulam. São Kombis, Brasília, Che-

vettes velhos, Gols de modelo antigo. Mas sobra aquele bate-papo nas calçadas, gente cruzando a rua, parando em um dos 11 bares que atendem por nomes como Espora de Prata ou Perdidos na Noite.

## FOGÃO A R\$ 15

O Bar Feijão pertence à mesma família há sete anos. No início, o movimento era bom, mas atualmente os donos comemoram quando aparecem pelo menos três fregueses por noite. "Hoje em dia a gente só faz R\$ 20 de compra por semana. O negócio está muito difícil. Estamos até com o IPTU atrasado", revela Márcia Moura, 18 anos, filha do dono e uma das 24 pessoas que moram no mesmo lote, adjacente ao bar.

As dificuldades financeiras estão nas contas de água e luz, e de impostos atrasados. Ansiosos para quitar seus débitos, eles chegam ao Sacolão Curió — que vai se chamar móveis Santa Edwiges quando o dono tiver dinheiro para mudar a placa — com as faturas

na mão. "O pessoal vende para pagar as contas e para comer mesmo", conta o revendedor Clovison Neves, 25 anos, um pedreiro que decidiu mudar de ramo porque não conseguia emprego no seu ofício. Hoje, fecha entre quatro e cinco negócios por dia. Mas reconhece que o ramo de compra e venda de móveis e de todo tipo de quinquilharia não pode ser considerado próspero. "Vendo um fogão velho por R\$ 15, no máximo."

Quem compra, carrega num carrinho de mão improvisado ou nas costas mesmo. Uma cena que os moradores da quadra 30 já se acostumaram a ver. Também se habituaram a pregar seus cartazes na porta, oferecendo todo tipo de mercadoria e serviço.

A dona-de-casa Laurinete Vitorino de Silva, 39 anos, vende de roupa a dindins, passando por vários tipos de cosméticos. O marido é motorista e ganha R\$ 220. O casal e os três filhos moram numa casa que destoa das demais. O portão de ferro, o chão de cerâmica, a casa pintada, e plantas bem-cuidadas. Têm geladeira, duas televisões, fogão, telefone. "Ganhamos quase tudo. A casa mesmo foi quase toda de doação de uma patroa que meu marido teve", conta Laurinete.

Com as vendas em casa, ela arrecada dinheiro para ajudar a pagar as contas e comprar comida. "Roupa fica para depois. É dinheiro para comer mesmo", garante. Ela quer se mudar do Paranoá porque acha que a violência é grande. "Os forrós vão até às quatro da manhã. Os casais bebem e começam a brigar. Uma vez jogaram uma cadeira lá da esquina, que veio bater aqui no meu portão", conta.

O administrador regional do Paranoá, Rubim Nestor Bender, reconhece que a situação da quadra 30 é difícil. "A questão da renda é o nosso maior problema, não só na quadra 30, mas em todo o Paranoá", diz.

Ele cita uma pesquisa feita pela Associação Comercial do Paranoá. "Um terço dos trabalhadores do comércio ganha menos do que dois salários mínimos; 10% recebem um salário mínimo. O índice de remuneração é muito baixo", afirma. (Cristine Gentil)